

# Interpretação de condicionalismos sociais

POR

J. R. dos Santos Júnior

Professor jubilado de Antropologia e Sociologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e antigo Chefe da Missão Antrop. de Moçambique

A Sociedade é um todo com individualidade grupal, maior ou menor, que se define pelo comportamento colectivo ou geral, ou seja pelos factos sociais que são próprios do grupo.

E assim é que a Sociologia pode definir-se como a ciência positiva dos *factos sociais*.

Factos sociais são, por via de regra, os de feição colectiva que interessam o geral ou a pluralidade dos indivíduos, que reflectem o modo de ser e de sentir do grupo social, e são, como é natural, factores congregantes.

O elemento congregante pode estar implícito numa simples palavra, que, por seu lado, integra um profundo conceito mítico. É o que sucede com o *totem*, nome de ser vivo, animal ou planta, de coisa material terrena, ou extraterrena, de que os indivíduos se imaginam descendentes directos.

O *totem* é considerado o antecedente primevo, a raiz da família, que liga fraternalmente os seus descendentes, os seus filhos. Na sua máxima pureza este conceito é tal, que é considerado incestuoso o casamento de indivíduos do mesmo *totem*, por serem tidos como irmãos.

Levar-nos-ia longe o desenvolvimento deste tema que, como chefe da Missão Antropológica de Moçambique, tive ensejo de estudar entre os negros daquela nossa antiga província do leste africano.

Sendo a Sociedade uma realidade *físico-bio-psico-sociológica* é natural que se procurassem filiar os factos sociais em puros condicionalismos de ordem bio-psicológica, ou, melhor, de ordem biológica, de ordem psicológica, e até de ordem física ou mecânica.

### Interpretação biológica

É bom lembrar que a Sociedade, sendo embora um conjunto de pessoas ligadas por mútuas relações, não pode considerar-se comparável, em absoluto, a um organismo vivo, na qual os homens desempenhariam o papel que as células desempenham num ser vivo.

Assim pensaram aqueles que criaram a chamada teoria organicista.

Para eles a Sociedade seria um organismo vivo, a que alguns chamavam «hiper-organismo» ou «super-organismo», em que os indivíduos seriam o homólogo ou o equivalente das células do ser vivo.

Assim como por um simples amontoamento de células, não conseguimos criar um ser vivo, também por um simples agrupamento de homens não conseguimos criar uma sociedade.

Um ser vivo é um amontoamento de células que tiveram origem comum e que a embriologia foi elaborando num corpo com vida própria, em perfeita inter-relação funcional harmónica, da qual resulta a vida. Também uma sociedade é um amontoamento de indivíduos muitas vezes com relações de origem ou parentesco, com modos de viver e de se comportarem que obedecem a preceitos tradicionais, com manifestações culturais, que, tantas vezes e em grande parte, são o reflexo dos factores ambientais, condicionantes de inter-atracção.

Mas uma sociedade é formada por homens, organismos superiores com actividade psicológica, com o sentido consciente da sua estruturação de grupo.

A Sociedade é mais uma *organização* (no dizer de Schaeffle) do que propriamente um organismo.

Espinas escreveu:

Uma Sociedade é, sem dúvida um ser vivo, mas que se distingue de todos os outros por ser provida de consciência, e terminou por afirmar: «Uma Sociedade é, portanto, uma consciência viva, ou um organismo de ideias».

Quer dizer, o social transcende o biológico visto que a Sociedade não se reduz a um amontoamento ou simples soma de indivíduos, mas é, sobretudo, caracterizada pelos factos sociais, em parte condicionados pela actividade mental dos indivíduos que a formam, e também, em grande parte, pelas condições ambientais, os factores ecológicos.

### Interpretação psicológica

Se a Biologia não basta por si só para definir com precisão o social, poderá a Psicologia fazê-lo?

Há, sem dúvida, uma psicologia social dos grupos organizados socialmente, povos, nações, tribos, classes, etc., que regula os factores sociais, dentro de certos moldes, em obediência a normas de tradição, de uso e de convenção.

Mas a psicologia do todo social não é a soma da psicologia dos elementos que o compõem, nem, muitas vezes, é, sequer, a psicologia da sua maioria.

A Sociedade, como disse Durkheim, tem uma vida mental que não é a simples soma das vidas mentais das unidades que a compõem, olhadas como unidades independentes. Um conhecimento completo dessas unidades, por mais longe que o leve-mos como conhecimento de unidades isoladas, não permitiria nunca inferir da sua vida em conjunto, tomada como um todo.

É que a natureza humana é essencialmente adaptativa numa multiplicidade de atitudes e de comportamentos em ajuste às condições ambientais. Aliás a história inteira é uma transformação contínua da natureza humana, em adaptações sucessivas.

As condições ambientais ou ecológicas são de efeitos bem marcados sobre a vida do homem e das sociedades.

7 Mas essas condições produzem efeitos diferentes actuando sobre um homem unidade ou sobre esse mesmo homem enquadrado no grupo social de que faça parte.

Erraram todas as doutrinas que, para o estudo e apreciação do condicionalismo social, partiram da psicologia individual. Alguns sociólogos quiseram filiar todas as instituições da vida social no conhecimento do «homem geral» isto é da psicologia individual.

E assim as necessidades essenciais ou fundamentais do homem, que são alimentar, genésica, de simpatia, honorífica ou de consideração alheia, artística e científica, estariam na base da organização das instituições da vida social.

Alguns sociólogos quiseram fazer destas necessidades fundamentais as pedras do edifício social, qualquer que ele fosse em extensão ou grau de cultura ou civilização.

São as teorias inspiradas na Fenomenologia que se alicerçam basilarmente naquilo que constitui a existência concreta do homem real.

Naturalmente há tendência em procurar explicar o *social*, ou os *factos sociais*, por certos elementos fundamentais ou atitudes características da vida mental do homem concreto, real ou individual.

No entanto como muitos sociólogos preconizam, e por exemplo MacDougall, a psicologia da natureza humana em sociedade, deve estudar «a vida mental do homem como ela se desenvolve e decorre no ambiente familiar, nas tribos, nas nações e nos grupos sociais de todos os tipos que compõem o mundo humano».

Não há dúvida que muitos atributos ou modos de comportamento estão ligados ou na dependência das necessidades fundamentais do homem, intrinsecamente imbuídas no social.

Todos os homens têm necessidade de se alimentar: é uma necessidade vital essencialíssima.

Pois bem, aquilo que os homens comem e o modo como comem está grandemente influenciado pelo social, sabêmo-lo todos.

17 Até um instinto tão puramente físico, na aparência, como é o instinto sexual, tem muito de social.

O mesmo se poderia dizer de muitas manifestações de simpatia, honoríficas ou de consideração alheia.

Um exemplo de que tive conhecimento em Moçambique em 1946, durante a 5.<sup>a</sup> Companhia da Missão Antropológica de Moçambique, que chefei durante mais de 20 anos.

O colega Dr. Fernando Barros, que durante muitos anos foi médico da Sena Sugar State Company, na Zambézia, tinha ao seu serviço, como enfermeiro, o Sabão, simpático e inteligente indígena, que sempre cumpriu exemplarmente as funções a seu cargo. Um dia Sabão procurou o Dr. Fernando Barros para lhe apresentar a sua terceira mulher, esbelta mocetona dos seus 18 a 20 anos.

As considerações feitas pelo médico, seu director e amigo, estranhando aquele casamento, pois bem sabia que Sabão era já muito velho para poder procriar, a resposta foi imediata.

— Sabão tem dinheiro, é rico, se tiver só duas mulheres ninguém sabe, e esta terceira mulher já trás filho no barriga.

A importância social entre os pretos de Moçambique, aquilatava-se, quanto aos homens pelo número de mulheres (esposas) que tinham, e quanto às mulheres pelo número de filhos gerados e criados.

As necessidades fundamentais dos homens, sendo sem dúvida as mesmas, obedecem no entanto a padrões sociais do grupo, na forma como essas necessidades são satisfeitas. Pretender explicar o *social*, os *factos sociais*, apenas pela psicologia individual é um erro, é desconhecer os factos ao nível dos vários grupos populacionais.

A psicologia individual essa é que é, em larga medida, tributária da psicologia social, ou seja da Sociologia.

### Interpretação mecânica ou Sociologia e mecânica

Uma solução simplista seria a de reduzir os complexos fenómenos sociais a factos puramente mecânicos, como os que

se observam no mundo físico, isto é, fazer da Sociologia uma espécie de mecânica social.

2. Claro que sendo a sociedade uma realidade *físico-bio-psico-sociológica*, o aspecto físico da mesma, numérico ou quantitativo, e a sua mecânica evolucionista, muito naturalmente, devia influenciar os cientistas, e daí o falar-se correntemente em estática e dinâmica sociais.

Alguns levaram longe de mais o conceito mecanicista das sociedades.

A este respeito escreve Cuvillier, pág. 186 do *Manual de Sociologia*, Vol. I, Coimbra, 1965.

«Mais imprudentemente, dois engenheiros, professores, o primeiro na Escola de Pontes e Calçadas de Bucareste, e o segundo na de Madrid, S. C. Haret e A. Portuondo y Barcelo, escreveram ensaios de *Mecânica Social*, nos quais pretenderam aplicar aos factos sociais as leis da mecânica racional. O primeiro escreve: «Chamaremos *sociedade* ou *corpo social* a uma reunião de indivíduos submetidos, por um lado, às suas acções recíprocas, e, por outro lado, às acções exteriores. O indivíduo é o *elemento* constitutivo do corpo social porque é indiviso». O segundo escreve igualmente: «O indivíduo abstrato e ideal que conceberemos, é tão indivisível quanto o pode ser o ponto material na mecânica racional».

Na análise crítica que Cuvillier faz dos trabalhos destes dois engenheiros mecanicistas, e de outros autores que me abstenho de citar e analisar, nessa análise crítica acentua o carácter pseudo-científico dessas tentativas, quer a de Hares que «apresentou a sua mecânica social» como uma «tentativa de aplicação do método científico ao estudo das questões sociais», quer a de «L. Winiarsky, que considerava a sociedade como um agregado de indivíduos moléculas, quando afirma que o único método científico aplicável à Sociologia é o de procurar aplicar nela as leis da mecânica racional». Cuvillier acrescenta: «estamos perante uma ilusão científica de engenheiros que confundem a ciência com a matemática e que julgam poder conhecer, graças à virtude mágica das fórmulas,

uma realidade que não se deram ao trabalho de estudar em si mesma».

E continua: «A economia matemática não está isenta de uma ilusão semelhante, e com toda a razão Simiand (*Notes critiques*, «Sciences sociales», 1900-1908) escrevia a esse respeito: «Todo esse aparato matemático e esses fabulosos sistemas de equações, não devem assustar-nos: eles não trazem a verdade em si mesmos; só valem o que valerem as bases sobre que são construídos». Ora é de toda a evidência que essas bases deverão ser de ordem sociológica.

Alguns sociólogos procuram, ansiosamente, encontrar nos trabalhos da Física Nuclear, soluções filosóficas lógicas, aplicáveis ao esclarecimento e explicação dos princípios básicos da realidade social, ou seja dos factos sociais e a isto chamam «pôr em dia o pensamento sociológico».

Ora, como Perpiña Rodriguez no seu livro *Métodos y criterios de la Sociologia Contemporánea*, Madrid, 1918, pág. 17, escreve, «no hay nada más desconsolador, sobre todo el transcurso de estes últimos treinta o cuarenta años, que el espectáculo que los cientistas más ilustres en sus disciplinas positivas ofrecen cuando se meten a filosofar sin saber filosofía».

Parafraseando, podemos dizer: é deveras lamentável que engenheiros, porventura altamente sabedores de engenharia, intentem fazer doutrina sobre temas sociológicos, sem saberem Sociologia.

P. Sorokin ao discutir os conceitos mecanicistas diz: «é preciso criar para as ciências sociais as suas próprias categorias, os seus quadros de referência, de acordo com a natureza especial dos factos por eles estudados», e «não aceitar os quadros puramente formais de uma mecânica que faz de criada para todo o serviço».

O próprio Sorokin na sua *dinâmica sócio-cultural*, considera o espaço *sócio-cultural* diferente do espaço geométrico, e o *tempo sócio-cultural* diferente do tempo físico.

O social não pode ser reduzido ao aspecto mecânico.

[10]

\*

Em síntese pode dizer-se que o *facto social* primordial ou elementar é a consciência de espécie, atributo biológico que cria o estado de consciência pelo qual cada homem, qualquer que seja a sua posição social, reconhece os outros homens do grupo ou sociedade a que pertence como parte de todo grupo em que está incorporado e de que faz parte.

Henry Giddings nos seus *Principles of Sociology* (1896) escreveu: «O nosso comportamento para com aqueles que sentimos mais se assemelharem connosco difere, espontânea e racionalmente, daquele que adoptamos para àqueles que sentimos serem mais diferentes de nós».

O sentimento que cria estes dois tipos de comportamento, um afectivo, congregante, e o outro de indiferença, senão mesmo de repulsa, e, consequentemente, isolacionista, é um atributo puramente biológico inerente a todos os homens.

Mas, como Giddings realçou, a Sociedade só verdadeiramente nasce quando, em consequência do sentimento afectivo e congregante, se criam inter-acções psíquicas entre os indivíduos, que vão originar sentimentos mais complexos: simpatia, imitação, sentimento de coesão social, sentido de interesses superiores comuns, ligados à existência do espírito social.

Podemos portanto dizer que a sociedade é um organismo essencialmente psíquico com a sua base física.

Logo repetindo diremos: a sociedade é uma realidade *físico-bio-psico-sociológica* complexa, em que os vários elementos de ordem numérica ou quantitativa, e qualitativa, biológica e psicológica, com poder socializante, se influenciam reciprocamente, congregando ajuntamentos ou grupos sociais, que, consoante o seu peso, serão nações, povos, tribos, classes, ou grupos mais restritos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Agosto de 1975